

A ESCRITA DE NÓS: O CONCEITO DE ESCRIVIVÊNCIA NA OBRA “OLHOS D’ÁGUA”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

THE WRITING OF US: THE CONCEPT OF ESCRIVIVÊNCIA IN “WATER EYES” BY CONCEIÇÃO EVARISTO

Francisco Fernandes de Araújo¹
Maria Elisalene Alves dos Santos²

Resumo: O presente artigo, de natureza bibliográfica, tem a finalidade de analisar e discutir o conceito de escrevivência na obra “Olhos D’Água” de Conceição Evaristo. A pesquisa é de cunho qualitativo e apresenta o método indutivo. Como embasamento teórico utiliza-se Cuti (2010), Hattnher (2009), Ianni (1988), Rodrigues (2007), dentre outros. Para melhor compreensão leitora, opta-se por dividir o artigo em duas seções. Na primeira, discorre-se sobre o conceito de literatura negro-brasileira. Na segunda seção, trata-se do conceito de escrevivência criado por Conceição Evaristo. Esse conceito é aplicado nos contos de “Olhos D’Água”. Com a realização desse estudo, conclui-se que a escrita de Conceição Evaristo na obra “Olhos D’Água” é imbuída de muita representatividade e resistência. As vivências representam para a escritora uma identidade e uma aceitação das origens afrodescendentes.

Palavras-chaves: Literatura negro-brasileira; Escrevivência; “Olhos D’Água”; Conceição Evaristo.

Abstract: This article, of a bibliographical nature, aims to analyze and discuss the concept of escrevivência in the work “Water Eyes” by Conceição Evaristo. The research is qualitative and presents the inductive method. As a theoretical basis, Cuti (2010) is used Hattnher (2009), Ianni (1988), Rodrigues (2007), among others. For better reading understanding, we chose to divide the article into two sections. The first discusses the concept of black-Brazilian literature. The second section deals with the concept of escrevivência created by Conceição Evaristo. This concept is applied in “Water Eyes” short stories. With the accomplishment of this study, it is concluded that the writing of Conceição Evaristo in the work “Water Eyes” is imbued with a lot of representativeness and resistance. The experiences represent for the writer an identity and acceptance of the Afro-descendant origins.

Keywords: Black-brazilian literature; Escrevivência; “Water Eyes”; Conceição Evaristo.

¹Graduado em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, <http://lattes.cnpq.br/6349605324450210>, Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-4636-6356>, E-mail: fernandouveva@gmail.com

² Doutora em Língua Portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Professora da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5705212666974639>, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8159-8707>, E-mail: elisalene2014@gmail.com

Introdução

Esta pesquisa, de caráter bibliográfico, objetiva analisar e discutir o conceito de escrevivência em “Olhos D’Água” de Conceição Evaristo.

A pesquisa é de cunho qualitativo e apresenta o método indutivo. Como embasamento teórico utiliza-se Cuti (2010), que discute os múltiplos aspectos da literatura negro-brasileira a partir de um *corpus* que a constitui e a razão pela qual essa literatura é escrita; Ianni (1988), que trata da condição da escrita literária produzida por autores negros; dentre outros teóricos que dialogam com a temática. Para facilitar a compreensão leitora, opta-se por dividir o trabalho em duas seções. A primeira, intitulada “Literatura Negro-brasileira”, faz uma abordagem sobre a literatura de autoria negra em que se analisa o seu conceito ainda em construção. Na segunda seção, “O conceito de escrevivência na obra ‘Olhos D’Água’”, apresenta o conceito criado por Conceição Evaristo mediante a análise e discussão dos trechos dos contos que compõem a obra.

Espera-se que este trabalho contribua com as discussões em torno da literatura negro-brasileira e que promova uma maior perspectiva de entendimento e de análise da escrita produzida por escritores negros. Deseja-se ainda que o artigo possa proporcionar uma reflexão sobre as múltiplas representações que o negro teve ao longo da história da literatura, seja como personagem, seja como escritor, possibilitando uma nova compreensão de seu valor enquanto sujeito de vivências e valores.

Literatura negro-brasileira³

A primeira seção do artigo apresenta algumas abordagens sobre a definição de literatura negro-brasileira, tendo como base as colocações de alguns autores como Cuti (2010), Ianni (1988), Rodrigues (2007), dentre outros, que discutem essa temática. Vale ressaltar que o conceito de literatura negro-brasileira ainda está em construção, sendo bastante discutido no campo da literatura e dos estudos culturais.

Historicamente falando, o conceito de literatura negro-brasileira ainda enfrenta

³ A nomenclatura Literatura Negro-Brasileira é a defendida por Cuti (2010) para se referir à literatura de autoria negra. Ela foi a escolhida para ser usada nesse artigo.

diversas resistências. É um conceito que se constrói diariamente e que por isso considera-se essencial na compreensão atual da importância do negro na produção literária brasileira. Diante disso, pensar na figura do negro requer debruçar-se diante das inúmeras representações que, ao longo dos séculos, foram admitindo novas construções e reafirmações. Buscar entender uma escrita que se modificou ganhando novos significados faz com que a sociedade repense e veja o homem negro como sujeito de sua própria história. Segundo Ianni (1988, p.91):

A literatura negra é um imaginário que se forma, articula e transforma no curso do tempo. Não surge de um momento para outro, nem é autônoma desde o primeiro instante. Sua história está assinalada por autores, obras, temas, invenções literárias. É um imaginário que se articula aqui e ali, conforme o diálogo de autores, obras, temas e invenções literárias. É um movimento, um devir, no sentido de que se forma e transforma. Aos poucos, por dentro e por fora da literatura brasileira, surge a literatura negra, como um todo com perfil próprio, um sistema significativo.

A literatura negro-brasileira apresenta um perfil de escrita que transcende significado de vivências conforme a cultura, língua e temáticas específicas de um povo. Assim, a literatura negro-brasileira começa a ser revelada pela óptica do próprio homem negro, que permanece não mais como objeto, mas como sujeito que ressalta significado de vida em sua escrita, que dialoga com a sua própria existência. Ainda segundo Ianni (1988, p. 95), “o negro é o tema principal da literatura negra. Sob muitos enfoques, ele é o universo humano, social, cultural e artístico de que se nutre essa literatura”.

Nesse sentido, passa-se a compreender a literatura negro-brasileira como uma representatividade em que a figura do homem negro se configura como tema central. O negro, outrora representado dentro da história brasileira como um objeto implicador das discussões sociais, faz-se personagem incumbido de representações dentro das narrativas, uma vez que se considera a literatura negro-brasileira como aquela criada por um escritor negro que trata de temas relacionados às vivências da população negra de modo que a afirmação de sua cor seja motivo de expressividade de sua existência.

Assim, deve existir uma consciência de aceitação e pertencimento dentro da escrita, e que, por sua vez, haja uma valorização do que está sendo escrito, para quem e por quem está sendo transmitido. Diante do exposto, Eduardo de Assis Duarte diz que:

A literatura negra é aquela desenvolvida por autor negro ou mulato que escreva sobre sua raça dentro do significado do que é ser negro, da cor negra, de forma assumida, discutindo os problemas que a concernem: religião, sociedade, racismo. Ele tem que se assumir como negro (DUARTE, 2011, p. 377).

O conceito e a construção de uma escrita literária negro-brasileira são bastante questionados, até mesmo em sua denominação. Há pesquisadores que defendem que essa produção literária seja intitulada de Literatura Afro-Brasileira, a exemplo de Duarte⁴ e de Souza e Lima (2006). Essa nomenclatura rememora a história do Brasil desde a época colonial, em que se teve o negro como figura emblemática em todos os momentos que construíram a identidade do Brasil. Os pesquisadores que defendem a nomenclatura Literatura Negro-Brasileira, a exemplo de Cuti (2010), dão ênfase à palavra “negro” como uma forma de lembrar um passado histórico, com raízes africanas, mas que, ao longo do tempo, ganhou características próprias do Brasil.

Cuti (2010) defende uma opção estética, política e ideológica, pelo termo “literatura negra” em contrapartida à denominação “afro-brasileira” ou “afro-descendente”, por entender que esses termos acabam por escamotear a questão negra, que ficaria, assim, diluída na diversidade subjacente ao prefixo “afro”. “A literatura africana não combate o racismo brasileiro. E não se assume como negra” (CUTI, 2010, p. 29).

Para Álvaro Hattnher (2009) “não se pode, portanto, pensar a questão literária negra sem o respaldo da experiência histórica do negro” (HATTNHER, 2009, p. 80), ou seja, a vivência é importante e fundamenta a escrita conforme a realidade.

De todo modo, os valores históricos e identitários de um povo contribuem para a construção de seus ideais e compreensão de sua existência. No caso do negro, há uma carga semântica e pragmática bastante recorrente no que diz respeito à vida. Tratando-se da escrita literária, as imagens, os símbolos que compõem uma narrativa reflexiva de representatividade são construídos de modo que a valoração do “eu negro” esteja sempre refletida em meio aos problemas sociais e culturais enfrentados pelo escritor negro.

Hattnher (2009) ainda considera a importância da comunicação em torno da linguagem, como símbolo representativo na escrita de um grupo. Segundo o citado autor (2009, p. 80), “a linguagem se torna um meio que, ao mesmo tempo, estabelece e transforma essa experiência. Dessa forma, pode-se afirmar que a literatura negra é, invariavelmente, a

⁴ DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. Disponível em www.lettras.ufmg.br/literafra/ Acesso em: 01 mar. 2023.

experiência negra transcrita”. Partindo desse pressuposto, pode-se compreender que o uso que se faz da língua, seja ela escrita, seja ela falada, reflete no verdadeiro sentido da literatura como uma expressão da alma que, além de trazer a perspectiva do pertencimento e da identificação com a escrita, traz nas entrelinhas as denúncias sociais de um povo.

Desse modo, pensar no conceito amplo de uma literatura negro-brasileira é atentar-se para a escrita, o público, as temáticas, a linguagem, entre outros elementos que ajudam na compreensão de um significado que ganha valor e se modifica continuamente. Há o surgimento de novos escritores que interagem com os leitores na busca de repassar uma mensagem objetiva e que tenha alcance significativo. Logo, reconhecer esses autores é atribuir valor e criar novas projeções de entendimento de uma literatura inclusiva e crítica em todas as suas nuances. Assim, pode-se perceber a relevância de autores como Conceição Evaristo e sua produção literária.

Nesse sentido, há uma magnitude na representação de Conceição Evaristo na literatura negro-brasileira, pois a autora reconhece que sua produção está fundamentada como uma escrita de um corpo negro efetivamente forte e politizado. Pensar, conforme esses pressupostos, uma forma de escrita voltada para a figura do negro é contextualizar e rememorar um pouco do passado que, ao longo dos anos, está sendo bastante discutido. A reescrita de uma história, sob a esfera memorialista que a autora propõe em suas obras, possibilita ao leitor dialogar com a sua ideia de construção social de identidade.

A literatura ganha viés sociocultural que, em sua criticidade, retoma conceitos e recria novas formas de pensar. Segundo a autora “a identidade vai ser afirmada em cantos de louvor e orgulho étnicos, chocando-se com o olhar negativo e com a estereotipia lançados ao mundo e às coisas negras”. (EVARISTO, 2010, p. 134). Revela-se a necessidade de reavaliar-se uma nova literatura, aquela que não objetiva apenas o superficial de um contexto e, sim, aproxima através de sua intencionalidade e discurso o leitor do que é dito nas entrelinhas.

A obra de Conceição Evaristo consiste na representatividade da escrita classificada como literatura negro-brasileira e sua contribuição corrobora para questões que vão além de histórias cotidianas, visto que denunciam as mazelas e problematizam a condição do “ser negro” na sociedade, uma questão de disputa pela vida, pelo poder não material, mas de linguagem e poder.

Considera-se a referida autora, sem dúvida, como precursora de uma literatura voltada

para os problemas que saem da realidade existencial do homem negro e ganham os espaços acadêmicos, em que os debates promovem o saber por meio de uma condição, seja de raça, orientação sexual, seja de religião, direitos e política. Sua perspicácia em construir discursos sobre a sua relevância na literatura, sobretudo negra, é vista em suas falas, na defesa de seus ideais e na busca de ser porta-voz dos interesses comuns de um povo.

Portanto, nesse primeiro momento, buscou-se evidenciar o conceito de literatura negro-brasileira. Percebeu-se o quanto essa literatura tem mudado a forma de ver as histórias não apenas sobre o negro, mas com o negro em papel de destaque, o que impulsiona representatividade e a criação de novos leitores e escritores.

O conceito de escrevivência na obra “Olhos D’Água”

A segunda seção do artigo tem como finalidade apresentar as particularidades da escrita literária de Conceição Evaristo na obra “Olhos D’Água” e discutir o conceito de escrevivência fundamentado pela autora com base na construção das personagens, dos espaços de atuação, da narração e das representações coletivas que ela busca ressaltar na obra.

Em primeira análise, ressalta-se a relação do conceito de escrevivência com o fenômeno da diáspora africana. Na condição de escravizado, o negro sempre esteve em busca de sua liberdade. Ao longo do tempo, as fugas diaspóricas ajudaram a repensar a imagem do negro como sujeito que por meio de sua memória busca reescrever a sua história.

Diante disso, Conceição Evaristo alude essa condição diaspórica à figura da “Mãe Preta” presente em grande parte de sua obra literária, como aquela que desde sempre foi submissa aos senhores, condição a que eram submetidos os escravizados. Escravizada, negra, essa mulher que “servia” para servir os patrões anula-se em sua condição de indivíduo. Assim, partindo do desejo e análise da própria autora em aprimorar a complexidade do conceito de escrevivência e sua representatividade, Duarte e Nunes (2020, p. 30) afirmam:

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças.

A narrativa de Conceição Evaristo conduz a uma reflexão sobre a existência do negro enquanto sujeitos vítimas de exploradores condicionais. Estes, ao longo da história do Brasil, mutilaram a voz do negro e sua contribuição para a consolidação de uma nação pluricultural e miscigenada.

Assim, a autora concebe a escrita de autoria negra como uma ferramenta de libertação em que as mulheres negras, antes silenciadas, passam a ganhar voz de destaque, assim como escrever sobre suas inquietações e desejos de serem ouvidas e lidas. Suas personagens, até mesmo quando silenciadas, são capazes de falar simbolicamente, porque o silêncio pode ser interpretado como uma forma de resistência. Esse aspecto pode ser encontrado em Ponciá Vicêncio, em Maria-Nova, em Cidinha-Cidoca e em outras personagens femininas criadas por Conceição Evaristo.

Enquanto mulher negra, escritora e que reconhece a sua singularidade dentro de uma literatura que valoriza os lugares de fala dos negros, a autora ainda destaca em uma de suas afirmações que “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (DUARTE; NUNES, 2020, p. 30), fazendo uma associação à condição da mulher que era submissa até das crianças embalando-as com suas cantigas de ninar. Assim, a autora reitera a importância de quebrar os paradigmas do passado por meio de uma nova releitura, tendo em vista as mudanças de concepções ideológicas do mundo, que possibilitam outros significados.

O conceito de escrevivência sob a visão de Conceição Evaristo requer discussão e confronto de ideias que expressam a coletividade de um grupo, deixando de lado a individualidade do homem. Analisar a escrita literária como uma afirmação de conhecimento de mundo e domínio sobre ele pode ser, no mínimo, intrigante se levar em consideração a fala da autora que diz, “observar o mundo é de grande valia, mas o meu mundo primeiro era tão comedido, tão pouco o meu universo, que tive de aprender olhar o mundo pela profundidade e não pela extensão” (DUARTE; NUNES, 2020, p. 34).

O ato de se compreender a escrita como algo particular coloca o escritor na condição de porta voz da sua realidade. Assim, a escrita toma forma e ganha vida e singularidade dentro do contexto em que está inserida. As múltiplas representações dos sujeitos, os problemas sociais que os circundam, a sua existência como sujeito, são acometidos de sentidos e valores. Para Conceição Evaristo, “escrevivência nunca foi uma mera ação contemplativa, mas um

profundo incômodo com o estado das coisas. É uma escrita que tem, sim, a observação e absorção da vida, da existência” (DUARTE; NUNES, 2020, p. 34).

Nessa perspectiva, conceber o conceito de escrevivência dentro da obra de Conceição Evaristo consiste em debruçar-se sobre os elementos que compõem a sua estética literária como as particularidades dos personagens em que a autora prioriza as suas vivências. Esses sujeitos representam a realidade do negro na sociedade brasileira, visto que a intenção da autora parece retratar os dramas sociais vividos pela comunidade negra e periférica do Brasil.

Desse modo, a escrita de Conceição Evaristo, mesmo sendo ficção, assume um caráter de aproximação com a realidade. Ela inquieta e perturba por sua violência e valor poético ao mesmo tempo, colocando à disposição do leitor originalidades que possibilitam analisar um contexto social já existente conforme a relação da ficção com a realidade. Sobre os personagens criados por Conceição Evaristo, Oliveira (2009, p. 17) ressalta que:

As personagens, não somente em *Becos da Memória* (2017) e *Ponciá Vivência* (2003) como noutras obras, são potencialmente negros e denunciam questões sociais que dizem respeito ao passado da autora vivido em Minas Gerais ou ao resgate de sua própria imaginação, como situações vividas em coletividades pelos seus afrodescendentes, moralidade de escrita literária que a autora intitula por *escrevivência*.

Oliveira (2009) destaca as singularidades dos personagens que Conceição Evaristo cria ao longo de seus trabalhos, podendo ser vistos como sujeitos discursivos que usam de sua vivência para confrontar e denunciar os problemas sociais que enfrentam diariamente conforme retrata o trecho do conto “A gente combinamos de não morrer”: “Deve haver uma maneira de não morrer tão cedo e de viver uma vida menos cruel. Vivo implicando com as novelas de minha mãe. Entretanto, sei que ela separa e separa com violência os dois mundos” (EVARISTO, 2014, p. 68). As subjetividades, as emoções e as características tão marcantes de cada personagem, às vezes, se confundem com a vida da própria escritora. Tendo Conceição Evaristo vivenciado uma infância marcada por muitas lutas e dificuldades, essa realidade assemelha a de muitas Marias, Ana Davenga, Natalina, Cida, Zaíta, entre outras presentes na obra “Olhos D’Água”.

Desse modo, contar uma história real ou fictícia com elementos genuínos e baseados na realidade de quem os vivencia consiste em transportar o leitor para um universo do texto marcado por narrativas construídas através das similaridades e significados de cada realidade

apresentada. Ademais, a escritora menciona seu ofício da escrita em consonância com suas experiências cotidianas de modo tão particular que se projetam para dentro do texto que atua de forma viva, ou seja, é a escrita de uma condição, subjetividade, reforçando a ideia de aceitação e reconhecimento do ser “negro”, dentro das narrativas.

Por esse motivo, muitas de suas personagens conseguem cativar o leitor de modo que, às vezes, são o reflexo da vida de quem se identifica com sua escrita. Fazendo um elo sempre com a dicotomia de uma escrita criativa e a crítica social, a autora ainda preocupa-se em ressaltar a ancestralidade e a cultura dos sujeitos de matrizes africanas escravizados no Brasil bem como o seu cotidiano de forma minuciosa. Além disso, como já mencionado, nota-se uma escrita autobiográfica em que a autora faz uma comparação de sua vida com as das personagens, retrata isso com base nas memórias e impressões sobre a vida. A autora ainda ressalta: “Toda minha criação surge marcada pela minha condição de mulher negra na sociedade brasileira” (EVARISTO, 2017, p. 7).

As discussões e os conceitos apresentados pela autora e por outros estudiosos sobre a escrevivência – enquanto mecanismo de escrita literária que busca aproximar a realidade da ficcionalidade ou vice-versa, através das intuições e memórias, considerando a importância da escritora para a literatura negra – são essenciais para a análise do conceito de escrevivência em “Olhos D’Água”. O livro, publicado em 2014, conta com quinze contos com temáticas diferentes e próximas ao mesmo tempo. A obra detém linguagem forte e poética. Todas as narrativas presentes nos contos trazem consigo um tom de pertencimento e de identificação do espaço em que acontecem.

A escrita em si retrata as particularidades de cada personagem, colocando-os como sujeitos ativos e que necessitam expressar as suas angústias diante de um sistema opressor que, por muitos anos, procurou silenciar essas vozes negras marginalizadas. A narrativa ainda traz características da subjetividade individual e coletiva, servindo para a representação da resistência e da reafirmação de identidade. No livro, encontram-se sujeitos bem variados, todos com seus problemas existenciais, sexuais, religiosos que configuram a condição do homem.

Os contos de Evaristo compartilham com a literatura dos direitos humanos elementos de denúncia, resistência e esperança, colocando-se em contraposição à cumplicidade da sociedade hegemônica, que permanece calada [...]. Os contos de Olhos D’Água podem ser entendidos como literatura testemunhal ao unirem a memória ancestral afro-

brasileira a micro-histórias, isto é, histórias pessoais cuja perspectiva particular incide sobre a história nacional (PINTO-BAILEY, 2021, p. 10).

A escrita de Conceição Evaristo se mostra bastante singular e provoca no leitor reflexões sobre a vida dos personagens, seja por meio das lembranças do passado, ou mesmo por meio dos direitos renegados. A resistência, denúncia e esperança estão presentes na obra. Pinto Bailey (2021) destaca a relevância de uma literatura testemunhal, ou seja, aquela que unifica uma reflexão do passado dos afro-brasileiros com as histórias individuais de cada sujeito que constrói a tessitura poética da autora.

Desse modo, além de retratar a realidade sofrida das personagens, ainda rememora o passado de seus afrodescendentes, faz críticas à escravidão e aos conflitos sociais que a sociedade brasileira sempre enfrentou, ou seja, devolve a vida àqueles que construíram a história do nosso país. Os conflitos existentes dentro da obra ajudam a entender problemas como a violência bruta, a homoafetividade e preconceitos ligados a ela, à maternidade como escolha, a paternidade como renúncia e em, muitas vezes, à violação dos direitos humanos.

Nessa perspectiva, o conceito de escrevivência na obra “Olhos D’Água” torna-se fundamental para a estrutura dessas narrativas. A partir disso, a autora busca dar visibilidade aos silenciados e invisíveis da sociedade, que são retratados com características únicas. Sua escrita também se baseia em sua trajetória desde criança, em que foi acostumada a conviver com a violência e pobreza. Sua escrita ainda é marcada por mulheres fortes e guerreiras. Para Conceição Evaristo, “foi daí, talvez que eu descobri a função, a urgência, a dor, a necessidade e a esperança da escrita” (EVARISTO, 2007, p. 17).

A escrita da autora acarreta muitos significados dentro da sociedade, uma vez que ela colabora para a necessidade de compartilhar os desejos e as injustiças dos menos favorecidos, fazendo com que o leitor consiga se sensibilizar através de sua escrita. Na obra “Olhos D’Água”, há a “função de denunciar e provocar a conscientização” (DUARTE, 2016, p. 155), ou seja, a autora por meio de seus contos salienta as mazelas e denuncia as injustiças sociais enfrentadas pelos personagens. Enquanto mulher, negra e crescida na periferia, a autora retrata a índole de suas personagens, mulheres negras, em que muitas são vistas conforme estereótipos marcados e negadas pela condição de inferiorização que é imposta pela sociedade. Assim, na obra em foco, Conceição Evaristo retoma essa vivência da mulher negra

em sua “dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizar” (EVARISTO, 2005, p. 205).

Os protagonistas da coletânea de contos quase sempre são mulheres e, por causa disso, carregam uma representação forte e decisiva dentro de suas histórias. No julgamento da sociedade, são vistas como um erro, aquilo que não cabe dentro dos padrões. A alteridade dessas mulheres negras e submissas a uma sociedade racista, machista e exploradora é uma característica essencial para compor cada história de vida dos personagens, assimilando-se com a vida da autora e com a de tantas outras mulheres que se veem negras e, ao se afirmarem, reconhecem e buscam o seu lugar de fala dentro da sociedade.

Algumas características da obra merecem ser ressaltadas como o fato de que a grande maioria dos contos apresenta em seus títulos personagens mulheres, como Maria, Ana Davenga, Natalina, Salinda, Luamanda, Cida, Zaíta, Maíta, entre outras. Há também a presença masculina dos personagens nos contos “Di Lixão” e “Lumbiá” em que são crianças. Nos contos “Ei, Ardoca” e “Os amores de Kimbá” tem-se a figura de um homem ou adolescente. É válido ressaltar a importância de uma mulher por trás dessas histórias o que já indica a relevância da figura materna que a própria autora retrata em “Olhos D’Água”, conto que abre a obra. Nessa narrativa, a narradora diz não se lembrar da cor dos olhos da mãe e, ao questionar-se, deixa transparecer a figura materna essencial em sua criação.

Uma noite, há anos acordei bruscamente e uma estranha pergunta explodiu de minha boca. De que cor eram os olhos de minha mãe? Atordoada, custei reconhecer o quarto da nova casa em que eu estava morando e não conseguia me lembrar de como havia chegado até ali. E a insistente pergunta martelando. De que cor eram os olhos de minha mãe? Aquela indagação havia surgido há dias, há meses, posso dizer. [...] e o que a princípio tinha sido um mero pensamento interrogativo, naquela noite se transformou em uma dolorosa pergunta carregada de um tom acusativo. Então eu não sabia de que cor eram os olhos de minha mãe? (EVARISTO, 2014, p. 11).

Na passagem do conto, percebe-se o sentimento materno que a personagem tem por sua mãe, e que em meio as turbulências da vida, não consegue lembrar da cor de seus olhos. Angustuada, a personagem se vê refletindo sobre o seu passado em busca das memórias ao deixar sua casa a procura de uma melhor condição de vida para a sua família. Tomada pela saudade e sensação de invalidez em não lembrar, a personagem retorna a terra natal tentando o reencontro com a mãe, com a sua história. Um fato interessante para ressaltar nesse primeiro conto é a riqueza metafórica dos “olhos” e os seus vários significados, cita-se

origem, raiz, reflexo, lágrimas, chuva, entre outros. A autora por meio de significados ressalta os valores familiares ao comparar os olhos da mãe com “lágrimas”, permitindo a reflexão do leitor sobre os valores maternos.

Nesse contexto, entende-se como possível estabelecer uma relação entre a história e a vida dos personagens. As raízes, as origens e a própria noção de deslocamento do sujeito atuam como reflexo de uma vida marcada pela violência e vulnerabilidade que, para se encontrarem na vida, precisam, às vezes, negar a sua própria existência. Desta forma, a autora, a todo momento, cultua a ancestralidade, a raça como sinal de aceitação.

A narradora, por meio do conceito de escrevivência, traz as lembranças da personagem para o centro da narrativa durante todo o conto “Olhos D’Água”. Ela discorre sobre a condição da família, as lutas diárias, o culto bem marcante da religiosidade e a diáspora em que a personagem é forçada a fazer por uma vida digna. Ao retornar, a personagem na busca de redescobrir a cor dos olhos da mãe diz: “minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d’água” (EVARISTO, 2014, p. 13).

Assim como em “Olhos d’água” que dá título ao livro e abre a coletânea de quinze contos, um aspecto marcante na escrita de Conceição Evaristo mostra-se na forma como ela dialoga com o tempo. Os personagens estão a todo momento usando de sua subjetividade para retornar ao passado. Relembrar as memórias e revivê-las dentro da narrativa possibilitam ao leitor identificar que o tempo cronológico está constantemente sendo modificado. No próprio conto citado, a personagem relembra toda a sua vida desde criança, por meio de um questionamento que a faz voltar ao passado. Destaca-se que a autora também projeta o futuro nas próprias indagações das personagens, isso é parte de uma vivência conhecida, vista em uma narradora também personagem.

A autora, além de ser porta-voz de muitas mulheres negras que não tiveram vez durante suas vidas, traz nas entrelinhas o seu testemunho de revolta. Essa postura confunde-se com as várias histórias das personagens, cada uma em sua individualidade e, ao mesmo tempo, representando uma coletividade, a população negra, que, diariamente, sofre as injustiças da vida, seja pela sua condição de mulher negra periférica, seja pela falta de perspectivas.

A linguagem presente nos contos torna-se bem marcante, pois aproxima o leitor e o transporta em estado de catarse para dentro da história, fazendo com que a sua leitura carregue carga emotiva expressiva, ao se deparar com uma realidade comum e que poderia ser evitada. A escrita, poética e forte, é também substituída pelas emoções das falas das personagens. Em alguns momentos, percebe-se a ausência dessa tessitura poética para dar lugar às emoções internas de cada personagem, como citado no trecho a seguir: “foi tudo tão rápido, tão breve [...]. Por que estavam fazendo isto com ela? O homem havia segregado um abraço, um beijo, um carinho no filho” (EVARISTO, 2014, p. 26).

Santos (2018), em “Intelectuais negras: prosa negro-brasileira contemporânea” exhibe um importante estudo sobre a obra de Evaristo e destaca o poder político da mulher negra intelectual: “é justamente a representação de mulheres negras fortes e atuantes que atravessa a obra da escritora, incorporando uma perspectiva racial e de classe na forma como as mulheres negras experienciam gênero” (SANTOS, 2018, p.102).

No conto “Maria”, essa singularidade das palavras é marcada pelas ações, sentimentos e projeções de um futuro que não veio e que poderia ter mudado a história da personagem. Ao mesmo tempo, as relações são motivos de pré-julgamentos, o que ainda é bem comum. A personagem Maria é o típico exemplo de empregada doméstica, mulher negra, periférica, brasileira, que luta diariamente pelo sustento e pela criação de seus filhos. Em um dia normal, ela volta do trabalho trazendo os “restos” de alimentos e um corte em sua mão. No ônibus em que faz o percurso até sua casa, acontece um assalto, e por ironia do destino, um dos assaltantes é pai de um de seus filhos. Nesse momento, nota-se o íntimo da personagem, suas fraquezas, seu cansaço da vida diária, mas, por outro lado, o sentimento de amor que ainda lembrava existir. Isso fará com que Maria seja vítima mais uma vez das injustiças. Acusada de cúmplice dos assaltantes, ela não consegue provar a sua inocência.

Lincha! Lincha! Lincha! Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. A sacola havia arrebentado e as frutas rolavam pelo chão. Será que os meninos iriam gostar de melão? Tudo foi tão rápido, tão breve, Maria tinha saudades de seu ex-homem. Por que estavam fazendo aquilo com ela? O homem havia segregado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisa chegar em casa para transmitir o recado. Estavam todos armados com facas a laser que cortam até a vida. Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado. Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho” (EVARISTO, 2014, p. 26).

A realidade, mais uma vez, vira estatística, e só. A vida de muitas Marias é retratada pela óptica de Conceição Evaristo, mas com um tom reflexivo. A escritora possibilita por meio da leitura testemunhar a sua indignação diante de um fato que já virou normalidade nas páginas dos jornais e inquéritos policiais. Conhecer a história e ver que nem sempre é uma fatalidade faz que o leitor busque estabelecer uma relação de proximidade com a narrativa. O narrador, a personagem, a história e a importância que se dá a ela, talvez sejam a real intenção de Conceição Evaristo.

Segundo Pinto Bailey (2021, p. 15), “através de sua escrevivência e de um estilo narrativo que reúne precisão e poeticidade, Evaristo estabelece entre cada participante do processo narrativo uma relação de afeto e até mesmo de identificação”. O leitor, a partir da leitura de sua obra, consegue estabelecer um contato mais significativo com o que é narrado. A sua passividade dá lugar a um posicionamento que a autora parece querer instigar, permitindo analisar os inúmeros problemas sociais da sociedade.

Em “Di Lixão”, tem-se uma narrativa em que o personagem é um menino que, ao longo de sua vida, sofre com a ausência da figura materna. Uma mistura de ódio e saudade tomam conta da história. O menino que se desenvolveu e, desde pequeno, enfrentou as dificuldades da vida sempre recordava da mãe nos momentos mais dolorosos, mesmo aqueles vivenciados com o amigo de quarto, de rua, de vida, faziam-no lembrar de sua infância, conforme aponta o trecho a seguir: “Numa fração de segundos recebeu um pontapé nas suas partes baixas. Abaixou desesperado, segurando os ovos-vida. E foi se encolhendo, enroscando até ganhar a posição de feto” (EVARISTO, 2014, p. 49).

Ao lembrar-se da mãe que já havia morrido, o menino sentia-se solitário. Essa ausência em sua vida despontou um sentimento de raiva que era retratado sempre nos momentos de brigas e recriminações. Mesmo não gostando dela, o menino representa o desejo da figura materna que não tem. As simbologias retratadas pela autora demarcam as relações sociais. As dores físicas do menino são o retrato de uma sociedade desumana e o seu corpo representa uma doença social que, mesmo diante de uma atitude que incita raiva, no fundo ele só quer alguém que o console antes de sua morte.

A morte dentro dos contos torna-se outra característica bem marcante, uma experiência trágica, violenta e solitária. Assim, acontece em “Di Lixão” em que “os trabalhadores passavam apressados [...] Um filete de sangue escorria de sua boca entreaberta.

Às nove horas o rabeção da polícia veio recolher o cadáver” (EVARISTO, 2014, p. 50). A vida sofrida do menino, o desprezo da sociedade, a sua invisibilidade, são marcas que a autora aponta na frieza do homem diante de uma realidade cruel e real. Existem muitos meninos como esse, clamando por um “carinho”, por alguém que represente a figura materna, que devolva a sensação de ser criança. Possivelmente a autora induz mais atenção dos leitores e menos indiferença. Como ela própria afirma: “A cada morte, nas circunstâncias em que essas se dão, fica um dilema para quem lê resolver. Não um dilema policial, mas um dilema diante da própria vida, ou melhor, um questionamento sobre o direito à vida” (EVARISTO, 2014, p. 32).

Nessa perspectiva, infere-se que a autora utiliza a sua escrita como ferramenta de denúncia e de consciência por parte de quem lê, visto que a leitura, antes de agradar e aflorar as emoções do leitor, tem uma função social e política. A autora, na construção de sua obra, pensa detalhadamente em cada abordagem que pode ser feita, mas proporciona que a subjetividade do leitor seja colocada em análise, dado que a leitura tem o poder de fazer com que as vozes não pronunciadas sejam conhecidas.

Outro aspecto importante na obra “Olhos D’Água” é a crescente relação entre os contos, que desde o início traçam uma trajetória de progressão. A autora começa com uma perspectiva da dura realidade da vida, suas inquietudes, a violência que serve de pano de fundo para muitas histórias como no conto “Maria”, “Di Lixão”, ou mesmo os amores e desejos da vida carnal vistos em “Os amores de Kimbá” e “Luamanda”. A marcante presença das crianças renegadas, ou que não tiveram a chance de viver a sua infância como todas as outras, encontra-se em “Lumbiá”, “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”.

Em “O cooper de Cida”, observa-se uma narrativa que quebra com as expectativas e continuidade de tragédias e violências. A autora trabalha com o conceito de “tempo”, já citado. Agora de uma forma psicológica, talvez, a autora retrata uma personagem que estava sempre adiantada em tudo. No entanto, levanta um questionamento da personagem sobre o tempo de vida daqueles que vivem nas ruas ao se questionar: “Qual seria a medida de tempo para eles?” (EVARISTO, 2014, p. 43). No trecho: “as crianças nasciam moles, desesperadamente calmas e adiam indefinidamente o exercício de crescer. Cida desde pequena guardava um sentimento de urgência” (EVARISTO, 2014, p. 41). Para ela, a vida era passageira e por isso tudo era feito com muita intensidade e sem demora.

O tempo pode ser analisado inicialmente como banal, nada mais importa do que a rotina da personagem. No entanto, a sua vida é única e não pode parar, ou seja, os problemas alheios pouco lhe importam. Com o tempo, a personagem vê o que antes não via. Percebe a beleza da vida e de suas particularidades. Suas prioridades agora são outras. O seu modo de ver o que antes era invisível tornou-se significativo. Ao retratar-se ao mar que sempre esteve ali repetindo os seus movimentos, a personagem reflete:

Havia maculado o tempo com o olhar e a espera pecaminosa diante do mar. O banhista tranquilo insistia em seu jogo. Cida veio voltando, entretanto lentamente. Outros corredores cá no calçadão iam e vinham. O mar insistia em se mostrar diante dela. Só então, naquele dia, ela percebera o mar. E como tudo era desmesuradamente belo. Atravessou calmamente a rua, não correu” (EVARISTO, 2014, p. 43).

Sendo uma história que não apresenta um retrato de violência e injustiça social, e que talvez não tenha uma personagem negra periférica como principal, “O cooper de Cida” traz uma abordagem interessante sobre o descaso com o “tempo”. Faz ainda uma relação da “pressa” presente na indiferença que a personagem tem pelos moradores de rua, ou seja, a não preocupação com a realidade vivida por eles, a desculpa por não ajudar é sutilmente escondida pela correria da vida.

Seguindo com as narrativas, a autora traz o conto “A gente combinamos de não morrer”. Trata-se de uma história cheia de carga emocional e resistência, pois trata, dentre outras temáticas, do genocídio de pessoas negras e das diversas histórias de como elas são colocadas à margem da sociedade. Com um enredo marcado por mortes, violência, abandono, entre outros, Conceição Evaristo consegue, com suas escrevivências, colocar vida nos seus escritos e fazer com que os leitores se sintam identificados com sua obra.

As personagens do conto carregam suas particularidades e, apesar de conviverem no mesmo espaço, não se constituem de forma homogênea, ou seja, cada um tem uma perspectiva de vida diferente. No conto, encontram-se as histórias de Dorvi, Bica, Esterlinda, Idago e Neo. O título do conto já traz uma emblemática forma de resistência da própria vida dentro da realidade periférica. O juramento feito por Dorvi de resistir vai sendo vencido pelo apagamento de seus semelhantes. No conto, percebe-se que a vida é atravessada pela morte.

Apenas estou sabendo que daqui a pouco, questão de um dia e meio, não estarei mais. Nem eu, nem ele. Acabo com ele, mas isto não resolve. Outros acabarão comigo. Nosso trato de vida virou às avessas. Morremos nós, apesar de que a gente combinamos de não morrer” (EVARISTO, 2014, p. 66).

O personagem em sua complexidade traz a ideia de resistência, mas é vítima de uma realidade das favelas. O enfrentamento entre grupos de mesma classe econômica sugere uma luta que extermina os semelhantes. A violência tão comum nas favelas brasileiras demonstra o cotidiano de cada personagem. As lutas diárias pela sobrevivência e dignidade de quem vive no morro são, muitas vezes, tiradas pela “bala” de um revólver, a mesma que ceifou a vida de Zaíta ainda criança. O envolvimento da personagem Dorvi com as drogas traz outra discussão para o texto e que está muito atrelada à “comunidade”. Assim, o texto se torna denso e complexo. Para Silva e Conte (2022, p. 6), o conto:

Revela e evidencia questões que se permeiam às relações sociais provocadas pelo tráfico de drogas, pelos laços familiares e pela afeição das personagens que são, também, atravessadas por questões oriundas da violência deste mercado ilegal e as garantias frágeis de sobrevivência desta população, bem como o genocídio da população negra.

Partindo desse ponto, o personagem carrega em sua trajetória de vida, muitas marcas que a sociedade impõe. O estereótipo do típico homem negro, pobre e da periferia contribui para que sua vida seja sempre alvo de suspeita. Suas vivências mostram-se pertinentes e reforçam as marcas da dura realidade que está sujeito.

De acordo com Santos (2019, p. 88), “ser o tipo suspeito coloca a vida dos jovens homens negros sempre em perigo”. Isso é bem evidente nas próprias falas da personagem. “Eu tinha treze anos. No meio do tiroteio, esporrei, gozei. E juro não era de medo, foi de prazer. [...] Atirei, gozei, atirei, gozei, gozei... Gozo, dor e alegria [...]” (EVARISTO, 2014, p. 66). O personagem é o tipo do homem que luta pela sobrevivência e enfrenta os seus medos. Sua força e coragem de viver são, o tempo todo, retratadas no conto de forma que a leitura tenha traços realistas e de muita representatividade para quem compartilha das mesmas vivências e de reflexão para a hegemonia branca.

Em “Ayoluwa, a alegria do nosso povo”, a autora retrata a vida como sinônimo de esperança. A personagem é vista como uma promessa de tempos bons que virão em meio as tragédias. Todo o sentimento de tristeza e dificuldades que ao longo da obra foram sendo vivenciados pelos personagens cedem lugar a esperança depois do nascimento da menina Ayoluwa: “a partir daquele momento, não houve quem não fosse fecundado pela esperança [...]” (EVARISTO, 2014, p. 70).

A autora encerra a obra com uma mensagem de resistência e esperança na vida. As

personagens, em meio às dificuldades da realidade, se enchem de felicidade. Logo, assim como acontece na realidade, não deixam as marcas do passado serem esquecidas. Elas acabam lembrando as dores para construírem um novo significado para a vida. “Ficamos plenos de esperança, mas não cegos diante de todas as nossas dificuldades. Sabíamos que tínhamos várias questões a enfrentar. A maior era a nossa dificuldade interior de acreditar novamente no valor da vida [...]” (EVARISTO, 2014, p. 70).

Nesse segundo momento, buscou-se apresentar, sob a óptica da autora, o conceito de escrevivência por meio das falas dos personagens nos contos de “Olhos D’Água”. Tentou-se ainda fazer um paralelo com o pensamento de outros autores sobre o conceito estabelecido por Conceição Evaristo que, através de sua linguagem literária, trata das questões sociais de forma verdadeira e com propriedade.

Considerações finais

O trabalho discutiu sobre a importância da vivência para a construção da narrativa de um texto. Apresentou-se o conceito de escrevivência criado por Conceição Evaristo, por meio da leitura e exposição de trechos de alguns contos que compõem a obra “Olhos D’Água”, possibilitou perceber as relações existentes entre uma literatura feita por escritores negros e a necessidade de reconhecimento de se fazer parte de uma escrita baseada em vivências.

Dessa forma, buscou-se analisar o conceito de escrevivência dentro da obra para a caracterização das personagens e sua relevância para os significados presentes em cada narrativa, abordando temáticas presentes no cotidiano da sociedade periférica. O estudo destacou a singularidade dos sujeitos negros e reforça as denúncias sociais retratadas pela autora em cada conto. Trouxe abordagens reais do cotidiano de muitos sujeitos representados pelos personagens criados por Conceição Evaristo. A representatividade explícita através da realidade aproxima o leitor da história e o instiga a refletir sobre os fatos narrados. Com esse intuito, as escrevivências fazem da obra um relato da realidade.

Pode-se concluir que se faz necessário compreender as relações entre a ficcionalidade e a realidade das narrativas, levando em consideração os elementos que os constituem. “Olhos D’Água” manifesta essas relações e coloca o leitor em contato com a realidade vivida por personagens reais que lutam pela sobrevivência em meio aos dilemas sociais. Assim, a

literatura, antes de uma mera ficção, assume um caráter verossímil, ou seja, a aproximação com a realidade torna a escrita muito emblemática e cheia de significados. O cuidado com os detalhes fez da obra verdadeira representação daquilo que cada sujeito que se reconhece negro consegue entender, uma releitura de sentidos e abordagens que estão envoltas em diversos contextos. A obra, por fim, pode ser lida como um manifesto sobre a vida de pessoas que são silenciadas.

Referências

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo, 2010. (coleção em debate/coordenada por Vera Lúcia Benedito).

DUARTE, Constância Lima. Marcas da violência no corpo literário feminino. *In*: DUARTE, Constância Lima; CORTÊS, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário A. (Org.). **Escrevivências: Identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo**. Belo Horizonte: Idea Editora, 2016, p. 147-157.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. Disponível em: www.letras.ufmg.br/literafro/ Acesso em: 01 mar. 2023.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. *In*: DUARTE, Eduardo de Assis e FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). **Literatura e Afrodescendência no Brasil** – Antologia crítica: história, teoria, polêmica. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

EVARISTO, Conceição. **Olhos D’Água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. *In*: SCHNEIDER, Liane; MOREIRA, Nadilza Martins de Barros (Org.) **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora**. 2. ed. João Pessoa: Editora do CCTA, 2020. p. 219-229.

EVARISTO, C. Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira. *In*: PEREIRA, Edimilson de Almeida (Org.). **Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010. p. 132- 142.

EVARISTO, Conceição. Entrevista a Ademir Pascale. **Conexão literatura** v. 24, 2017, p. 5-10. Disponível em: <http://revistaconexãoliteratura.com.br>. Acesso em: 25 mar. de 2023.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2017.

HATTNER, Álvaro. A poesia negra na literatura Afro-brasileira: exercícios de definição e algumas possibilidades de investigação. *In*: **Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários**. V. 17-A. dez. 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa>. Acesso em: 23 mar. de 2023.

IANNI, O. (1988). **Literatura e consciência**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, (28), 91-99. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i28p91-99>. Acesso em: 03 mar. 2023.

LOBO, Luiza. **Crítica sem juízo**. 2 ed. revista. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

OLIVEIRA, L. “Escrevivência” em Becos da memória, de Conceição Evaristo. **Rev. Estud. Fem. Florianópolis**, v. 17, n. 2, p. 621-623, ago. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2009000200019>. Acesso em: 22 mar. de 2023.

PINTO-BAILEY, Cristina Ferreira. Escrevivência, testemunho e direitos humanos em Olhos d’água de Conceição Evaristo. *In: Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 23, n. 43, p. 8-19, mai.-ago., 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2596-304x20212343cfpb>. Acesso em: 15 mar. 2023.

SANTOS, L. M. N. S. Quando todas as vidas importam, mas só os corpos negros são tomabados: notas sobre a literatura negra em contexto de exceção. *In: Rejane Pivetta de Oliveira, & Paulo C. Thomaz (Org.). Literatura e Ditadura*. Porto Alegre, RS: Zouk, 2019, p. 73-92.

SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré (Org.). **Literatura Afro-Brasileira**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

SANTOS, Mirian Cristina dos. **Intelectuais negros: prosa negro-brasileira contemporânea**. (2018). Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/resenhas/ensaio/1260>. Acesso em: 10 maio 2023.

Submetido em 30 de setembro de 2023.

Aceito em 05 de novembro de 2023.